

TENDÊNCIAS MUNDIAIS

Comunidade zera desmatamento de reserva na Guatemala

Por ELISABETH MALKIN

UAXACTÚN, Guatemala — Nas profundezas da selva, onde a copa das árvores transforma a luz solar numa treliça de verdes sobrepostos, as onças caminham

sorratoriamente e os gritos guturais dos bugios abafam o canto dos pássaros, uma serraria corta enormes toras de mogno.

Por mais sinistra que a cena pareça, o local é parte de uma estratégia de preservação da floresta.

As selvas desempenham um papel crucial na redução das emissões de gases do efeito estufa, mas está sendo muito difícil encontrar formas de protegê-las das ameaças ao seu redor —pecuaristas, agricultores, madeiros clandestinos e narcotraficantes.

A experiência aqui na Reserva da Biosfera Maia, na região guatemalteca do Petén, aponta para uma solução: entregar o controle da floresta às comunidades que a habitam. Quem depende da mata para sobreviver, frequentemente extraindo madeiras valiosas, tem mais incentivo para preservá-la.

“Ninguém cuida da casa alheia”, disse Marcedonio Cortave, que dirige uma aliança de comunidades que trabalham na reserva. “Mas todo mundo cuida do seu próprio sustento e o defende.”

As comunidades e duas empresas locais gerem quase um quarto do território total da reserva, que é de 2 milhões de hectares. São 11 áreas sob concessão, que permitem a atividade florestal monitorada. Após 15 anos, a taxa de

desmatamento nessas áreas sob manejo está próxima de zero, segundo um estudo conduzido pela Rainforest Alliance.

“Se não existissem as concessões, a zona seria um gigantesco pasto para o gado”, disse Wilson Martínez, gerente florestal da concessão de Yaloch, perto da fronteira com Belize.

Munido de um mapa, ele atravessou um trecho da selva que havia sido retirado no ano passado. A localização de cada árvore foi anotada para determinar quais cortar e quais deixar como árvores semeadoras.

Só o que delatava a atividade madeireira era um solitário toco de mogno, uma modesta clareira plantada com mudas dessa árvore e trilhas apagadas. A área deverá se regenerar naturalmente.

Além disso, segundo um estudo, as comunidades estão protegendo as espécies arbóreas mais ameaçadas da floresta, como a *Swietenia macrophylla* (conhecida como mogno-brasileiro, mas também nativa da América Central) e o cedro-cheiroso.

Em Uaxactún, entre as casas de madeira com teto de palha, surgem sinais de uma recém-adquirida prosperidade. Motos estão apoiadas nos portões de muitas casas, à espera de serem usadas pelos homens que irão para a floresta colher xate, uma folha de palmeira exportada para os Estados Unidos, onde é usada em arranjos florais. A venda de madeira bancou a construção da escola, que oferece uma bolsa em dinheiro a alunos que queiram estudar no exterior.

A floresta tropical se estende



MEREDITH KOPITZ PARA THE NEW YORK TIMES

ON-LINE: **GUARDIÕES DA FLORESTA**
Guatemaltecos defendem a floresta que lhes dá sustento:
nytimes.com
Busque “Mayaforest”

até o horizonte, sobre terras que no passado formavam o coração do império maia. Mas a batalha para protegê-la é constante, e nem toda a reserva resistiu ao ataque.

Impor controle significa desafiar muitos interesses poderosos contrários à conservação, segundo Eliseo Gálvez, secretário-executivo-adjunto do Conselho Nacio-

nal de Áreas Protegidas, órgão do governo. “Agora está ainda mais complexo por causa da influência de agentes ilegais”, acrescentou, referindo-se a traficantes que usam o parque para levar drogas em direção ao norte.

Segundo Gálvez, durante anos, autoridades de diferentes esferas, como a Justiça e a polícia florestal, foram incapazes de coordenar suas ações, mas isso começou a mudar graças a uma iniciativa nacional de combate à corrupção.

Grande parte do oeste da Reserva da Biosfera Maia foi transformada em parque, sob o controle do governo, mas essa foi justamente

a área mais desmatada, segundo a Rainforest Alliance. “Quando a terra pertence ao Estado, as pessoas acham que têm o direito de pegar tudo”, disse Cortave.

Nas áreas sob concessão, a situação é inversa. As comunidades patrulham as áreas sob sua proteção para impedir a exploração madeireira ilegal, a caça e a pilhagem de sítios arqueológicos maias.

Nem todos os lugares, no entanto, tiveram o mesmo sucesso de Uaxactún. Comunidades em três áreas perderam suas concessões, e seus morros pelados evidenciavam sua incapacidade de resistir às pressões externas. A leste,

A Reserva da Biosfera Maia, na Guatemala, é patrulhada por civis que dependem da floresta para sobreviver

madeiros ilegais de Belize se infiltram pela fronteira à noite, durante a temporada de chuvas, quando o barulho dos temporais mascara o ruído das motosserras.

“Se o governo tivesse sido mais inteligente no passado, haveria mais floresta no Petén”, disse Manuel Burgos, 51, guarda e bombeiro na concessão Yaloch.

Apesar desses reveses, Bryan Finegan, ecologista florestal do Catie, instituto internacional de pesquisas da Costa Rica, disse que “essas práticas representam o que há de mais avançado na conservação. É um modelo para o mundo”.